

Luiz

QUANDO ?

Quando se erguerão as setteiras,
Outra vez, do castello em ruina ?
E haverá gritos e bandeiras
Na fria aragem matutina ?

Se ouvirá tocar a rebate
— Sobre a planície abandonada ?
E partiremos ao combate,
De cota e elmo, e a longa espada ?

Quando iremos, tristes e ~~tristes~~
Nas prolixas e vãs contendas,
~~jurar~~ jurar, ~~jurar~~
Pelas divinas e legendas ?

E voltaremos, os antigos,
Os purissimos lidadores,
Quantos trabalhos e perigos !
Quasi mortos e vencedores ?

E quando, ó Doce Infanta Real,
Nos sorrirás do belveder ?
Magra figura de vitral
Por quem nós fomos combater.

Macau - 1895



OFERTA

257570

Luiz

Il pleure dans mon cœur
Comme il pleut sur la ville.

Verlaine.

Meus olhos apagados,
Vede a água cair.
Das beiras dos telhados,
Cahir, sempre cair.

Das beiras dos telhados,
Cahir, quasi morrer.
Meus olhos apagados,
E cansados de ver.

Meus olhos afogac-vos
Na vã tristeza ambiente.
Oahi, e derramae vos
Como a água morrenta.

Lisboa, 1895.

Camilo Reis da Silva.





Limpe -

Para o tempo

(A Ayres de Castro e Almeida)

Quando voltei, encontrei meus passos

Ainda vivos sobre a humida areia.

~~Ainda vivos sobre a humida areia.~~

~~Porque dolejas~~

logrimas contidas

porque dolejas

depois tornastes

despedidas?

~~Porque dolejas~~

Em redor como a tarde em um jardim.

~~Em redor como a tarde em um jardim.~~

~~Como um cão que lamba um rasto~~

Como um cão que lamba um rasto

II

(A João Sardenha)

Imagens que passas pela retina

De meus olhos — porque não os tiras?

~~Imagens que passas pela retina~~

para nunca mais.

~~Imagens que passas pela retina~~

Ou para o futuro, onde termina

Voas curto.

~~Imagens que passas pela retina~~

Porque ides sem mim, não me levas?

~~Imagens que passas pela retina~~

De meus olhos

~~Imagens que passas pela retina~~

Fica, seque, sonda das minhas mãos.

~~Imagens que passas pela retina~~

Flexão casual de meus dedos incertos.

~~Imagens que passas pela retina~~

MAR. 11 - 1920

CECILIA FERNANDES





Sin pa

PAISAGENS DE INVERNO

A Abel (Cano, 1.º Q.º 1.º)

O meu coração, torna para irar,
Onde vês a corte d'estinado?
Meus olhos incendiados And o pe
Que

Vergam da neve os álmos dos caminhos.
A neve atrefecem sobre o braido,
Noites da serra, o caschoa traido.

Extinctas primaveras, evôca-as.
Já vae florir o pomar das macieiras
Hemos de enfeitar os chapéus de mais.

Soccega, estíga, olhos febris ...
Hemos de ir a cantar nos derradeiras
Ladainhas doces vózes senis.

Obidos—1893.

II

(A Abel Annibal de Ayvedo)

Passou o outomno já, já torna o frio,
—Que mmo de seu riso miguado.
Algido inverno, sempre o solgelado.
O sol, o as leguas limpidas do rio.

Agua clara do rio, agua do rio,
Fugindo sob o meu olhar cansado,
Para onde me levas me livão cuido?
Aonde vês, meu coração vasio?

Ficaz, cabellos d'Elia, fluctuando,
E debaixo das aguas fúgdias
Os seus olhos abertos e scismando.

Quê hidas a correr, melancholias?

E as seus mões Vanslucidas e iras...

Maceu—1897.

CAMILLO PESSAGIA







~~ROSEL~~
Viola chinensis

A. Wenczel de Motax

Ao longo da via pública,
 Vez a vez, sendo a face da
 Sem que de lá, o
 O que a face da
 O que a face da

Enquanto, para, instruções.

As longo da via morosa

6-25

Não de longe em longe correm
 Vitrando os ares, deslize
 Numa agonia dolorosa
 Ao longo da viola morosa

Macua, julho de 1898.

CAMILLO PESQUERA

Lamentosa... ^{quando} ^{na} ^{reflexão}
 humana, com que elle se compen-
 sa com que os outros se des-
 cobrem a vibração dolorosa,



Quando?

Quando a agitação se retalia,
Orestes ver, do castello em ruína?
E houvera' xistos e fardelismos
Na fria alagem matutina?

Se o marim tocar a rebata,
— Sob os a plúmias abastardada?
E parturimos ao coarabato,
Da cota, e alar, e a longa espada?

Quando vismo, tristes e ~~monstruosos~~ serios,
Um prolixo e vao cortejado,
Lancando juras, ~~maguando~~ infortunio,
Pelas dividas e legiminas?

E voltamos, em o antigo,
Os periclinos lida-torais —
Quanto batalha e perigo!
Quasi morto e vencedor?

E quando, o' Isee Infante Real,
Nos arminis de felices?
Majore figura de orbeal,
Por quem nos fomos combatidos.

eff. can., 1895



Il pleure dans mon cœur,
 comme il pleut sur la ville
 certaine.

Além otho apogador,
 Vade a água adiva.
 Das beiras do telhado,
 Catir, sempre catir.

Das beiras do telhado,
 Catir, quasi morrer...
 Além otho apogador,
 2 cantos de vida.

Além otho, apogador...
 em um trinta e sete...
 Catir a derrama...
 como a água corrente.

Macau, 1895





(et d'après de l'autre à l'écrit.)

Quand v'êtes, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,

et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,

et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,

et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,
 et de l'autre, s'écrit de l'autre à l'écrit,

Paris, 1895





(at foot of garden)

Imaginem que passamos pela retina
do nosso olho, porque não vos fixas?
Chega das fronteiras que ao surto da minha
Escuridão, passo para minha mais...

Ora pergunto, para o livro onde termino
Vosso livro, e os vossos sentimentos
Ativa balança, e a dor da dor,
e o livro de um livro, não me levais?

Porque deixas o meu olho aberto?
em meu olho amoroso e profundo,
Frisa e tão avistamento aberto?...

Fica, segue, com tua das minhas mãos,
Flexão casual de uma das minhas mãos...
Estimula com tua mão marinheira vira,

Alacran, 1896





Com talia aves talion,
 Myrrhac na' arin = plume vovae,
 Lus a dromedarii a ptarmiganes.
 Eue associado! Eue obceado de choro!
 Pastoreira! — Flor de lilas!
 Censuraria! — Branca flor do espinho!

Lo' a meta cravos foz
 Volamos muparte no ar
 do abanico e as acaas do sinuaria...
 Eue o vol e o sal o purifigore







CANÇÃO DA PARTIDA

Ao meu coração um peso de ferro
 que hei-de preterir, da volta da vida.
 Ao meu coração um peso de ferro...
 ...ao mar.

rebr. quem vae degradado,
nô queira levar. - -
cofre preso,

E hei-de mercar um fecho de prata.
 Um torção e o cofre sellado :
 A sete chaves ~~uma~~ uma carta :
 do teu nome.

A sete chavda ^{Cartão} e cartão queritudo,
 e um feudo. Tomada. Base. de de o levar.
 e o para a moline na aca selgada,
 Na dia cur que emfim deixar de

СЪМЪЛЪО-РЕШАВАНЕ

Cho meu coração
 Uma pena de ferro
 De triz-de ferro...
 e a volta do amor...
 Cho meu coração
 Uma pena de ferro...
 De triz-de ferro...

[illegible][illegible]

2 new leaves bordered,
one on left side covered.
Corticalis encaustica
Repens a new one. X
Porens & Encrinurus
sal. gyna. calyptra
glaz. s. d. m. m. m. m.
cal. gyna. calyptra
Encrinurus
glaz. s. d. m. m. m.
apex s. n. n. n.



QUEDA

(A João P. Vasco.)

O meu coração de se.

Um balão apagado.

Melhor fora que ardesse

Nas trevas incendiado.

~~Como a bruma~~Como ~~o~~ a cova em caxão

Porque antes não rebenta

~~Como a bomba de explosão?~~

Que apêgo inda o sustem?

Atono, miserando.

Que o esmagasse o trem

De um comboio arquejando.

O inane, vil despojo.

O egoísta e fraco...

Trouxesse-o o mar de rojo.

Lançasse-o na resaca.

Macau, 1895.

CAMILLO PESSANHA.





Lincoln

QUANDO ?

Quando se erguerão as setteiras,
Outra vez, do castello em ruina ?
E haverá gritos e bandeiras
Na fria aragem matutina ?

Se ouvirá tocar a rebato
Sobre a planície abandonada ?
E partiremos ao combate,
De cota e elmo, e a longa espada ?

Quando iremos, tristes e ~~atônitos~~ *atônitos*
Nas prolixas e rãs contendas,
Pelas divisas e legendas ?

E voltaremos, os antigos,
Os purissimos lidadores,
Quanto trabalhos e perigos !
Quasi mortos e venedores ?

E quando, ó Doca Infanta Real,
Nos sorrirás do belveder ?
Magra figura de vitral
Por quem nós fomos combater.

Macau - 1895



OFERTA
257571

Luiz

1. pleuro dans mon cœur
Comme il pleut sur la ville.
Le labeur.

Meus olhos apagados,
Vede a água cair.
Das beiras dos telhados;
Cahir, sempre cair.

Das beiras dos telhados,
Cahir, quasi morrer.
Meus olhos apagados,
E cangados de ver.

Meus olhos afogae-vos
Na vã tristeza ambiente.
Cahi, o derramae vos
Como a água inorrente.

Macaé, 1895

Camillo Perezinho







Simão

PAISAGENS DE INVERNO

Quando o vento sopra
E os rios se desliza
Quel' é o som da noite?

Simão Vento da neve os olmos dos
A cinza arde sobre o braço,
Noites da serra, o casebre transido,
Os rios e os montes e os vinhos.

Extinctas primaveras, evocae-as.
Já vai florir o pomar das macieiras.
Hemos de enfeitar os chapéus de males.

Socorree, estraze, olhos febris...
Hemos de ir a cantar nas derradeiras
Ladainhas e doces vozes senis.

Obidos—1892.

II

(A Abel António de Agreido)

Passou o outono já, já torna o frio,
—Out'anno de seu riso magua-lo.
Arido inverno, sempre o sol gelado.
O sol, e as águas lá pelas do rio.

Águas claras do rio, águas do rio,
Fugindo sob o meu olhar oçado,
Para onde me levais meu tão cuidado?
Aonde vais, meu coração vasio?

Fica, cabelos d'ella, nuclando,
E do lado das águas fugidias
Os seus olhos abertos e seccando.

Quel' é o som da noite, malpachado?
E as suas mãos translucidas e frias...

Maceu—1897.

CAMILLO PESSANHA.





SAMUEL.

felt quite well

Infante! Calucias, já colhem
 As velas. As bandeiras soergam
 Que ao alto das lousas tremularem. . .
 E guie-a a que a vós desfilarem.

Para que voltar mais?
~~Para que voltar mais?~~ (Papel) ou mais?

Deves lembrar que as ondas embalarão
 Que cêbre que os ventos nos armarão !
 A que foi que tão longe nos trouxeram ?

San Gabriel, archaño muelor,

Vejá outra vez alongar o nariz

Vejja outra vez abençoar o nome
~~de Deus~~ de Deus e o certo sair

Ch'prouy, 1/1

1891

Fueron de los que se ~~convinieron~~ ^{conviniere}! En algido cristalino,

Edoardo Fagnano - Cruzina da Silva

Falga de argenteo

Very cordially as mine, as ever.

Outra vez, pela noite, va m'fama.

Avenida das Américas, 1305 - Rio de Janeiro

largo grande con una ^{testa} ~~testa~~ de estufa

Udovica von Valburg! — Oudovices von Valburg.

Caja benévola, rotunda de diá.

et leur déduction, ~~et~~ au 20th 1855
O n'essaient d'obtenir, que une seule des valeurs.

From an Ind. to the Sec. of

que do horizonte vapor, luminosa

Valeriana
Valeriana

—Almanacistes, sevens, *septuaginta*.

76. *gambelii*, d'Ambois, in press.

Mar. 7 - Le Mar. de 1692





Quando?

Quando se erguerão as setleiras,
 Orestes vir, do castello das ruínas?
 E haverá gritos e fúndos leiros
 Na fria oração matutina?

Se morrão tocos e rebentos,
 — sob o pluvial abandonado?
 E partirão os combates,
 De cota, e alva, e a longa espada?

Quando vicem, tristes e amestados reus,
 As prolixas e vãs contendas,
 Lancando juras, ~~expozendo~~ improperios,
 Pelos divinos e legendos?

E voltarem, — os antigos,
 Os purissimos lida-dores,
 Quisito trabalho e perigos!
 Quasi morta e venedores?

E quando, o Joca Infante Real,
 Os sorrisos de belvedes?
 Alagou figura de vitruvo
 Por quem nós fomos combaters..

Alfama, 1895





Il pleure dans mon cœur,
Comme il pleurt sur la ville,
Certaines.

Alors other apogues
Vole a l'âme cabier.
Don benin de l'histoire,
Cabier, sempre cabier.

Don benin de l'histoire,
Cabier, sempre cabier...
Alors other apogues,
2 cançons de ver.

Alors other, apogues...
est en l'histoire au t'ente.
Cabier a l'histoire...
Comme a l'âme cabier.

Macam, 1895





(et cygne de l'ouest à l'est)

... Quand v'êtes; en ce temps-là, mon frere,
 chère de voir, et je te l'ai dit, mon frere,
 et t'en as tant aimé, et t'en as tant aimé,
 Tais-toi, mon frere, et ne parle plus.

Alors, mon frere, que tu as fait, mon frere,
 T'en as fait, mon frere, et t'en as fait,
 et t'en as fait, et t'en as fait, et t'en as fait,
 et t'en as fait, et t'en as fait, et t'en as fait.

Alors, mon frere, que tu as fait, mon frere,
 et t'en as fait, et t'en as fait, et t'en as fait,
 et t'en as fait, et t'en as fait, et t'en as fait,
 et t'en as fait, et t'en as fait, et t'en as fait.

Alors, mon frere, que tu as fait, mon frere,
 et t'en as fait, et t'en as fait, et t'en as fait,
 et t'en as fait, et t'en as fait, et t'en as fait,
 et t'en as fait, et t'en as fait, et t'en as fait.

Alors, 1895





(de João Jardim)

Imaginas que penses pela retina
De algum olhar, porque não vos fixas?
Esquece das fronteiras que as unhas da minha
Espera, fôra para nunca mais: não.

Ora porque, para o linde mal tremor
Vom luto, e o suor carnavalesco
Aliva a laçaria, e a destra divina,
e o olhar idas em mim, não me levais?

Porque olhares o meu olhar aberto?
em algum olhar amoroso e fragor,
Triste e tão evidentemente aberto? ...

Fica, regred, sombra das minhas mãos,
Flexão carnal de uma destra visível ...
Linha de sombra ou movimento vazio.

Macau, 1896





[illegible]

The various cranes of the
 Moluccas were found in the
 the abundance of the case to some extent...
 The only one of the species





2. Terça-feira, 20 de maio
 2. quinta-feira, 22 de maio
 Terça-feira, 23 de maio
 — 2. sexta-feira, 24 de maio
 2. sábado, 25 de maio
 2. domingo, 26 de maio

O S. gual anno ude se descrebe,
 Conflitando de representações importantes
 e dignas que se fizessem na actual-
 idade que a representando então.
 O representando e os seus representantes,
 os seus interesses e a sua vontade.

[illegible]



CANÇÃO DA PARTIDA

Ao mar, ao mar, ao mar, ao mar,
De ferro, de ferro, de ferro, de ferro,
Ao mar, ao mar, ao mar, ao mar,
De ferro, de ferro, de ferro, de ferro.

Quem não quer ir, quem não quer ir,
As pedras do mar não quer levar.
Mar, ao mar, ao mar, ao mar,
De ferro, de ferro, de ferro, de ferro.

E hei-de meter um fecho de prata.
O meu coração é o fecho selado:
A sete chaves, a sete chaves,
Do teu coração.

A sete chaves, a sete chaves,
E em segredo, em segredo,
Que é para o soltar na água, na água,
No dia em que não deixas de ir.

Lisboa
1932

CAMILLO PESSANHA

Os meus corações
Um fecho de ferro
Em teu coração
Ora volta do mar...
Os meus corações
Um fecho de ferro...
Lisboa... ao mar.

Quem não quer ir,
Quem não quer ir,
Quem não quer ir,
Quem não quer ir,
Quem não quer ir,
Quem não quer ir,
Quem não quer ir,
Quem não quer ir.

Um fecho de prata
Do teu coração
O meu coração
De ferro, de ferro,
De ferro, de ferro,
De ferro, de ferro,
De ferro, de ferro,
De ferro, de ferro.

Em um livro bonito,
Em um livro bonito,
Em um livro bonito,
Em um livro bonito,
Em um livro bonito,
Em um livro bonito,
Em um livro bonito,
Em um livro bonito.





QUEDA

(A João P. Vasco.)

O mar não pio desce.
Via lá as agulhas.

Melhor fora que ardesse,
Nas teozas incendiadas.

Como a bruma á cova, com o vento

Porque antes não rebente

Que apago inda o sustento?
Atono, miserando.

Que o esmagasse o trem
De um comboio arquejando.

O inane, vil despojo.
O agraçoista e fraco . . .

Trouxesse-o o mar de roxo.
Levasse-o na resaca.

Machu, 1895.

CAMILLO PESSANHA.



